

BRUGIONI, Elena. *Literaturas Africanas comparadas: paradigmas críticos e representações em contraponto*. Campinas: Editora da Unicamp, 2019

*Julia Goulart*¹

A representação literária é um gesto de linguagem que perpassa algumas questões inerentes ao processo de pôr o continente africano em discurso. Se a arte produz imagens – sejam visuais (artes plásticas e cinematográficas) ou verbais (literatura escrita ou oral) – o significante “África”², por meio da representação, sofre uma construção imagética, desde o período colonial até a contemporaneidade, responsável pela formação de um imaginário coletivo ocidental, notadamente exótico e fabuloso. Dos estigmas e estereótipos que sustentam esse pensamento opressor, destaco a ideia de supremacia da razão crítica cartesiana. Noção que desvaloriza outras linhas de organização do pensamento. Nesse sentido, tudo o que foge à lógica e à visão de mundo do sistema de produção capitalista, que escapa a esse centro magnético e irradiante, é menosprezado e posto em posição periférica.

Idéias e representações que são desconstruídas e questionadas por Elena Brugioni em sua obra *Literaturas Africanas comparadas: paradigmas críticos e representações em contraponto* (2019). O livro é composto por uma introdução, na qual a autora explicita sua metodologia, nove capítulos e uma conclusão dos argumentos expostos no decorrer do texto. A obra de Elena Brugioni busca, por meio da comparação entre as literaturas africanas, repensar a recepção crítica desses textos pelo corpo acadêmico e intelectual ocidental e demonstrar a contribuição destes para a recriação de novos paradigmas epistemológicos existentes nas ciências humanas. Essas questões dividem o livro em duas partes fundamentais: a primeira é marcada pela teoria literária e a crítica social, bem como pelo diálogo intertextual com diversos teóricos da

¹ É Doutoranda Letras Vernáculas da UFRJ. Seus estudos são voltados para literaturas de língua portuguesa, com ênfase nas literaturas africanas. Aprofunda-se em questões inerentes ao campo da poesia. Atualmente, seu trabalho é sobre a obra do autor angolano Ruy Duarte de Carvalho.

² A palavra África foi grafada com os sinais de aspas, a fim de evidenciar o seu caráter ambíguo, já que se trata de um continente formado por diferentes países e culturas e não de um território único e homogêneo.

Literatura e da História e pela revisão de conceitos e ideias presentes no campo teórico dos estudos da pós-colonialidade e da pós-modernidade; e a segunda é caracterizada por um exercício de literatura comparada entre os textos produzidos pelos países africanos, o que possibilita o levantamento de um *corpus* capaz de argumentar contra uma recepção crítica ocidental estereotipada e vazia.

Literaturas Africanas comparadas: paradigmas críticos e representações em contraponto é uma obra fundamental no sentido da desconstrução da imagem fantasiosa que permeia ainda, mesmo após as lutas de libertação, os países africanos. A preocupação com a representação revela-se, então, como um fio condutor textual que perpassa toda a argumentação estabelecida. Acredito que a obra de Elena Brugioni tenha sua essência compreendida a partir da leitura deste trecho presente no texto:

Dessa forma, a representação corre o risco de reproduzir uma narrativa “estabelecida”, sobretudo nos meios de comunicação, que corresponde ao que tem sido definido como “história única”, proporcionando um conjunto de questões direcionadas a uma problematização complexa no que concerne às práticas de representação – escritas ou visuais – e ao horizonte de expectativa e recepção em que se inscrevem, e sugerindo uma reflexão situada que obriga a repensar o significado das representações e o seu agenciamento no que tem sido descrito como “sociedade do relato”. (BRUGIONI, 2019, p. 128)

O romance histórico, como uma categoria de representação literária, é discutido no contexto de pós-colonial. Os romances são capazes de redefinir o campo conceitual desse gênero literário porque repensam a relação entre espaço e história na pós-colonialidade. De acordo com Elena Brugioni, citando Jean-François Lyotard em seu ensaio *The post modern condition: A report on knowledge* (1979), a pós-modernidade não aceita esses tipos de gêneros literários, como as grandes narrativas, a religião, o marxismo e o liberalismo, o que faz surgir a ascensão de microrrelatos – textos não totalizantes e localizados – os quais dão conta da complexidade e heterogeneidade da sociedade pós-moderna. A pós-modernidade é o momento em que o ocidente adquire a consciência de que não há uma história única. A narrativa pós-moderna desmonta o padrão dos cânones das grandes narrativas ocidentais, nos quais o tempo assume o caráter histórico, linear e sequencial, já que estes são marcados por uma “constelação de histórias menores subjetivas”, o que faz da memória e da experiência matrizes desse pensamento que retece a história por uma perspectiva outra não-ocidentalizada. Nesse sentido, a autora destaca que o debate historiográfico pós-moderno aponta para a subjetividade e pode correr o risco de ser entendido como algo inferior e menor em comparação àquilo arrebatado de racionalidade. Há, portanto, a desconstrução da visão historicista e positivista da disciplina História. A metanarrativa historiográfica revela-se, assim, com um “paradigma estético e crítico da pós-modernidade”, que revisa as relações entre Literatura e História. Essa metaficção historiográfica levantada pela autora apreende as relações entre o tempo fragmentado da experiência colonial, isto é, o corte da sociedade pela opressão colonial, e a representação

nacional. Por isso, o tempo pós-colonial é descontínuo e não-sincrônico e se entrelaça ao imaginário da nação, “...através de um relato que não organiza, mas apenas dá conta da desorientação do narrado e do vivido...”. É, então, que Elena Brugioni apresenta um momento cativante da obra relacionado à categoria do realismo mágico, noção literária mal compreendida pela crítica ocidental. Essa categorização nas literaturas africanas pode tornar-se preconceituosa, já que reduz a relação entre representação e identidade nacional pós-colonial. O realismo mágico, muitas vezes, é visto por uma perspectiva única possível das literaturas africanas pós-coloniais, entretanto, há outros modelos de negociação entre as representações literárias e o mundo. O discurso histórico produzido por autores das literaturas africanas vai além da estética, alcançando novas formas epistemológicas de repensar a História.

Sobre a crítica e a recepção dos textos de literaturas africanas, aspecto fortemente explorado e retomado diversas vezes no texto, como uma espécie de *leitmotiv* argumentativo, Elena Brugioni define a crítica pós-colonial por meio de uma leitura da conservação das relações desiguais entre as nações globais, haja vista a permanência das diversas formas de imperialismos no contexto do neoliberalismo. A crítica pós-colonial falha porque não auxilia na emancipação social, crítica e intelectual dos países, quando faz permanecer critérios e ideias que fomentam exotismos. Além disso, essa concebe e legitima a leitura e a crítica dos textos por interpretações vulgares e repetitivas que não dão conta da profundidade estética e crítica das obras, ressaltando apenas questões como tradição/modernidade e escrita/oralidade. Destaco, dessa maneira, um dos fragmentos de maior lucidez e contribuição para os estudos de literaturas africanas presente na obra:

Uma dobra crítica e conceitual indispensável para que o gesto crítico pós-colonial renove seus significados emancipatórios no que concerne à crítica às literaturas africanas, desmarcando-se de epistemologias essencialistas assombradas por localismos celebratórios que, mais de que mostrarem o agenciamento político das experiências culturais e dos seus significados contemporâneos, (re-)colocam o outro fora do espaço e do tempo e, logo, do mundo e da história. (BRUGIONI, 2019, p. 62)

As literaturas de Mia Couto, Borges Coelho e Ba Ka Khosa são citadas com frequência no texto, com o intuito de exemplificar a problemática da crítica ocidental das literaturas africanas. Mia Couto também é lido por essa crítica de forma reducionista, quando esta só ressalta a questão do hibridismo e do realismo mágico, ignorando a dimensão política profunda do texto. Ba Ka Khosa e Borges Coelho possuem obras que contribuem para o adensamento da crítica pós-colonial, trazendo à tona outras questões importantes, como utopia, crise, memória, história, resistência, emancipação e nação. A oralidade nos livros de Mia Couto é vista, equivocadamente, somente como um paradigma cultural e não alcança a sua dimensão de estética e poética. Elena Brugioni propõe uma descolonização conceitual que põe fim ao binarismo entre escrita e oralidade, para repensar o significado do “dizer” nas literaturas africanas, isto é, uma tradução estética e política, capaz de dar voz ao outro.

O orientalismo é outro tema abordado na obra. Elena Brugioni acena para um paradigma do Índico como uma categoria única de análise. O Índico e a imagem do oceano que carrega uma infinidade de caleidoscópios culturais. Moçambique é apreendido como um lugar geográfico poetizado, pautado nas relações entre o oceano e a terra, uma espécie de “espaço líquido”. As teorias de Edward W. Said defendidas no livro *Orientalismo* (1978) são retomadas pela autora para se referir às análises e críticas literárias reprodutoras do conceito do orientalismo. Ela caracteriza as obras literárias produzidas em Moçambique por meio de uma interrogação do passado e uma configuração temporal fragmentária. A escolha por narrativas breves demonstra a necessidade de contraponto com a história, tornando-se, então, um projeto estético. Ideia entendida na referência à obra de Borges Coelho *Indício indicos* (2005), na qual o mar é percebido como um “arquivo líquido”, ou seja, a memória que ressignifica o espaço físico e estético da nação.

A literatura não é a única forma de representação dos países africanos indicada no livro. Elena Brugioni realiza um diálogo com acontecimentos atuais ao analisar o caso das adolescentes nigerianas raptadas pelo grupo terrorista Boko Haram e a campanha de sensibilização mundial promovidas nas redes sociais e nos outros meios midiáticos. A apropriação das imagens de outras crianças para representar a imagem das adolescentes raptadas foi uma atitude midiática de extremo incômodo para a autora. A partir dessa falsificação de imagens, ela atenta para uma atitude estereotipada de representação. Além disso, a crítica dos romances protagonizados por crianças também é problematizada. A criança possui a imagem de subalternidade. Os romances de formação das literaturas africanas utilizam a infância como o espaço, em que se articulam as histórias privadas e a história para repensar a pós-colonialidade e seus desafios, ideia construída no texto pela metaforização dos tempos passado, presente e futuro. A recepção da crítica das literaturas africanas de língua inglesa e francesa sobre o subgênero que centraliza a infância pode contribuir para a formação de uma exotização e estereótipos, o que é nomeado como “exótico pós-colonial”.

Outra questão importante explorada por Elena Brugioni é a constituição e organização do paradigma dos cânones do universo literário de língua portuguesa. No capítulo dedicado à literatura de Arménio Vieira, escritor de Cabo-Verde, ela aponta para imagem do escritor entendido como um cânone-menor, porque a legitimação exógena assim o considera. Arménio Vieira é um autor que foge ao telurismo e se preocupa mais com as peculiaridades estéticas. Ele divergia da geração da claridade, nacionalista e ideológica, apresentando maior preocupação formal e estética., o que, por meio da metaforização do discurso, elabora uma leitura singular do contexto cabo-verdiano. O escritor, além disso, é caracterizado com uma espécie de criador de um “arquivo literário”, já que menciona outros escritores canônicos. Essa menção é realizada por meio de uma proposta estética e possibilita a desconstrução da hegemonia dos cânones literários europeus em relação à marginalização de outros textos não-europeus. Elena

Brugioni ressalta, nesse sentido, a neocolonidade literária entre os países de língua portuguesa. Entretanto, a vitória de Arménio Viera do Prêmio Camões mostra que a visão exógena do que se entende como cânone literário periférico vem sofrendo mudanças.

A leitura de *Literaturas Africanas comparadas: paradigmas críticos e representações em contraponto* é uma experiência textual e conceitual profunda no campo de análise da crítica das literaturas africanas. O estudo de casos, como a leitura das obras de autores como Borges Coelho, Arménio Vieira, Mia Couto e Abdulai Sila, demonstra um olhar crítico da autora que se debruça sobre as formas do texto para repensar conceitos e revisar a recepção crítica. O intertexto com referência teóricas a Lyotard, Said, Mbembe, Bhabha e Deleuze enriquece ainda mais o debate e a argumentação. Desconstruções de paradigmas críticos e representações em contraponto são gestos de escrita que evidenciam uma reflexão textual particular das literaturas africanas de língua portuguesa, bem como uma proposta de (re)leituras das representações dos contextos africanos marcada pela abordagem múltipla da contemporaneidade pós-colonial.